

Cristo e a Sabedoria: tipologia sapiencial em Colossenses 1.15-20

Willian V. Orlandi⁴⁹

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar o pano de fundo de Colossenses 1.15-20. Verificaremos que essa perícopa paulina ecoa o texto de Provérbios 8.22-31 em sua trajetória interpretativa no judaísmo do segundo templo. A presente metodologia iniciará com uma análise do contexto de Provérbios 8, seguindo para seu desenvolvimento interpretativo no judaísmo antigo e seu uso como pano de fundo de Colossenses 1.15-20. Após essa investigação, abordaremos brevemente o uso cristológico de Provérbios 8 no restante do Novo Testamento e na literatura patrística. Concluiremos com uma proposta interpretativa desse ato ilocucionário de Paulo como resposta à heresia Colossense e suas implicações hermenêuticas.

Palavras-Chave: Cristo. Sabedoria. Colossenses. Provérbios. Paulo. Judaísmo.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the background of Colossians 1.15-20. We will find that this Pauline pericope echoes the text of Proverbs 8.22-31 in its interpretative trajectory in the second temple Judaism. The present methodology will begin with an analysis of the context of Proverbs 8, proceeding to its interpretative development in ancient Judaism and its use as a background for Colossians 1.15-20. After this investigation, we will briefly address the Christological use of Proverbs 8 in the rest of the New Testament and in the patristic literature. We will conclude with an interpretive proposal of this illocutionary act of Paul as a response to the Colossian heresy and its hermeneutic conclusions.

Keywords: Christ. Wisdom. Colossians. Proverbs. Paul. Judaism.

⁴⁹ Bacharel em Teologia (Seminário Martin Bucer), licenciado em Letras Português-Inglês (PUC-Campinas) e pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela Unifil. Pastor da Igreja Batista Reformada em Indaiatuba (SP), professor de graduação e pós-graduação no Seminário Jonathan Edwards. E-mail: willian_vitor15@hotmail.com

Introdução

O presente artigo visa demonstrar que Paulo, em Colossenses 1.15-20, faz alusão ao texto de Provérbios 8.22-31 em seu desenvolvimento interpretativo no primeiro século, descrevendo Cristo como sendo a “Sabedoria de Deus”⁵⁰. A Sabedoria desempenha um papel muito importante no judaísmo do segundo templo, ao ponto de começar a ser identificada com a própria Torá (Cf. NICKELSBURG, 2011, pp. 123-128). A sabedoria também era um tema importante em Qunrã, particularmente em relação à comunidade da aliança (Cf. BEVERE, 1998, p.80)⁵¹.

O quadro abaixo mostra a relação textual entre Pv. 8.22-31 e Cl. 1.15-20:

| Provérbios 8.22-31 MT | Provérbios 8.22-31 LXX | Colossenses 1.15-20 |
|---|--|---|
| <p>יהוה קנני ראשית דרכו קדם מפעליו מאז: מעולם נסכתי מראש מקדמי־ארץ: באי־תהמות חוללתי באין מעינות נכבדי־מים: בטרם הרים הטבעו לפני גבעות חוללתי...: בהכינו שמים שם ... ואהיה אצלו אמון ואהיה שעשעים יום</p> | <p>κυριος εκτισεν με αρχην οδων αυτου εις εργα αυτου προ του αιωνος εθεμελιωσεν με εν αρχη προ του την γην ποιησαι και προ του τας αβυσσους ποιησαι προ του προελθειν τας πηγας των υδατων προ του ορη εδρασθηναι προ δε παντων βουνων γεννα με ... ηνικα ητοιμαζεν τον ουρανον συμπαρημην αυτω... ημην παρ'αυτω αρμοζουσα</p> | <p>ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ Θεοῦ τοῦ ἀοράτου, <u>πρωτότοκος</u> πάσης κτίσεως, ὅτι ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα, τὰ ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς,... τὰ πάντα δι' αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν ἔκτισται· καὶ αὐτός ἐστι <u>πρὸ πάντων</u>, καὶ τὰ πάντα ἐν αὐτῷ συνέστηκε, καὶ αὐτός ἐστιν ἡ κεφαλὴ τοῦ σώματος, τῆς ἐκκλησίας· ὅς ἐστιν <u>ἀρχή</u>,</p> |

Como já adiantamos, Paulo não alude diretamente a Pv. 8.22-31 em sentido estrito, mas sim em seu desenvolvimento interpretativo no primeiro século (BEETHAM, 2008, p. 113). O quadro acima demonstra a concordância de palavras entre os dois textos, além do fato de Paulo conhecer muito bem o livro de Provérbios (cf. Rm 2.6 (Pv. 24.12), 12.20 (Pv. 25.21) e 2Co 9.7 (Pv. 22.8a)), satisfazendo os critérios para uma

⁵⁰ O principal estudo sobre o uso do Antigo Testamento em Colossenses é a tese de doutorado de C. A. Beetham, publicada com leves alterações em 2008 (Cf. bibliografia). O presente texto, ainda que amplamente em dívida com as pesquisas de Beetham, apresenta algumas críticas e desenvolvimentos.

⁵¹ Cf. IQS 4.22; CD 3.13-20f.; IQH 17.14-18.; 4QpPsa 3.I

alusão. O leitor deve perceber no decorrer do estudo que a alusão é deliberada, na qual Paulo descreve Cristo em termos sapienciais. Se os Colossenses (leitores originais dessa carta) não fizeram esse vínculo, eles provavelmente falharam em perceber a conexão que Paulo faz entre Cristo e a Sabedoria (ainda que Paulo vá além da descrição tipicamente judaica da Sabedoria, como veremos abaixo; Cf. BEETHAM, *Ibid.* p. 114), entretanto, em se tratando de um eco estrutural, o foco da análise recai mais sobre a influência de Provérbios sobre Paulo do que na recepção dos leitores Colossenses.

1. O contexto do Antigo Testamento: Provérbios 8.22-31

Em Provérbios 1.20-33 e 8.1-9.12 (cf. 2.2-6) temos uma incrível e misteriosa “personificação literária” (MURPH, 1998, p. 278) da “senhora Sabedoria”. A função dessas passagens é instigar uma busca apaixonada pela sabedoria e mostrar a loucura em desprezá-la. O alvo dessas duas passagens complementares (8.1-21 e 8.22-31) é exaltar a autoridade da Sabedoria (MCKANE, 1970), a fim de que os leitores se atentem para seus caminhos.

A primeira palavra desse texto já apresenta dificuldades de interpretação. O verbo קָנַן significa adquirir, possuir, criar ou gerar? Não é adequado a um mero artigo que se propõe a analisar o pano de fundo de Cl. 1.15-20, bater o martelo exegético e declarar com precisão qual a melhor interpretação para um texto que tem sido alvo de intensos debates ao longo dos séculos (desde a heresia ariana). Entretanto, podemos oferecer balizas para o leitor analisar com sabedoria (!) qual opção de tradução/interpretação é a mais adequada e que, ao escolher entre as opções, possa harmonizar com o quadro geral da teologia bíblica.

Vamos às opções. Em primeiro lugar, existem bons argumentos para traduzir qānānī como “adquirir” ou “possuir” (VAWTER, 1980, p. 205–16). Os demais usos desse verbo no livro de provérbios e no AT apontam para esse significado (para mais detalhes, cf. WALTKE, 2011, p. 514-516).

Outros estudiosos, como Meinhold, argumentam que “criar” é uma tradução mais precisa para esse verbo (citado em WALTKE, *ibid.*), devido aos demais verbos com esse sentido na sequência do texto de Provérbios e a alguns usos no AT.

Independente de qual interpretação for adotado, o leitor canonicamente atento do livro de Provérbios precisa levar em conta as seguintes dificuldades (teo)lógicas e literárias: (1) ao assumir o sentido de “adquirir”, precisamos levar em conta que Deus

não “adquire” sabedoria, pois Ele é eternamente sábio. Portanto, deve-se argumentar que dentro do contexto maior do livro, o autor descreve que o Senhor adquiriu a sabedoria para atingir seu propósito de “exaltar a autoridade da Sabedoria”, instando para que o leitor a adquira em sua vida, e o próprio Senhor se torna um modelo para Seu povo (BEETHAM, *ibid.*). Michael Fox (2000, p. 280) escreve que “o verbo *qanah* é escolhido para designar a aquisição Divina da Sabedoria para mostrar que esse é o protótipo da aquisição humana da sabedoria, ainda que eles adquirem-na de formas bastante diferentes”; (2) Ao se preferir a tradução “criar” também é preciso levar em conta que Deus não “cria” sua Sabedoria. De uma perspectiva lógica, para se criar a sabedoria é necessário que ela não exista, e se ela não existir, ou Deus seria tolo ou desconheceria o que seria essa sabedoria, não a podendo criar sem ela mesma (assim como a ordem não procede do caos, a sabedoria não pode proceder da falta de sabedoria), o que seria um absurdo. De uma perspectiva literária, a Sabedoria em Provérbios é literariamente (e não “literalmente”) personificada, i.e., Salomão usa a figura da mulher como metáfora para um atributo divino. Como Waltke (2011, p. 515), essa metáfora:

“... significa que a sabedoria inspirada de Salomão vem do ser essencial de Deus; é uma revelação que tem uma ligação orgânica com a própria natureza e ser de Deus, ao contrário do restante da criação que veio a existir fora dele e de maneira independente do seu ser. Além do mais, uma vez que sua sabedoria existia antes da criação e que suas origens são distintas dela, a sabedoria não é acessível à humanidade nem pode ser dominada pelos seres humanos; antes, deve ser revelada às pessoas e aceita por elas”.

Portanto, com uma hermenêutica teológica adequada e os devidos cuidados literários, é possível afirmar uma aquisição, geração ou posse da Sabedoria da parte de Deus, sem afirmar que Deus não era sábio de antemão ou que a sabedoria divina veio a ser criada em determinado ponto do tempo (o que invalida qualquer exegese ariana).

Os versos 22-26 salienta o status de primazia temporal e existencial da Sabedoria antes da criação de qualquer coisa. Os versos 27-29 são similares e falam sobre a presença da sabedoria enquanto Deus criava o universo. Portanto, os versos 22-29 ensinam que tanto antes, como durante a construção do mundo, a Sabedoria já existia e estava presente (BEETHAM, p. 117). A ilocução dos versos 30-31 deve causar no leitor a impressão de que a Senhora Sabedoria, cujas origens vão desde antes da própria criação, incorpora toda a sagacidade que um duradouro e correto relacionamento com YHWH exige e de um conhecimento experimental insuperável (*ibid.*). Portanto ela é completamente digna tanto da confiança, quanto da busca da

parte dos leitores. Gale A. Yee (1982) conclui sua análise da estrutura desse texto dizendo que “Pv. 8.22-31 retrata a Sabedoria como a suprema mediadora entre Deus e os homens”.

2. Provérbios 8.22-31 em seu desenvolvimento interpretativo no judaísmo

Começaremos analisando uma obra de meados do segundo século antes de Cristo, a Sabedoria de Ben Sira. A “Senhora Sabedoria” aparece em 1.4-10, 4.11-19, 6.18-31, 14.20-15.8, 51.13-21 (= 11Q5 XXI, 11-18), e especialmente em 24.1-22 (BEETHAM, p. 117). Nesta última passagem, a Sabedoria explica sua origem Divina (vv. 3-4), sua “geração” preexistente (v.9), sua existência eterna (v.9b) e sua busca por um lugar para habitar na criação (vv. 5-7). Deus ordena que ela habite no templo em Jerusalém, o que ela de fato fez (vv.8-12). Ela convida a todos para comerem e beberem de sua plenitude, e aqueles que a obedecem, não pecam (Ibid.). Finalmente, o autor identifica a Sabedoria com a Torá, os mandamentos de Moisés (Sir. 24.23-29). A sabedoria também é identificada com a Torá no livro de Baruque (conf. 3.9-4.4 [esp. 4.1]).

Escrito meio século antes de Cristo, Aristob. 5.10-11 (uma clara alusão de Pv. 8) de forma explícita fala sobre a preexistência da Sabedoria, chamando-a de “lanterna”, de onde toda luz se origina (Cf. BEETHAM, p. 120).

A personificação da sabedoria aparece novamente em “Sabedoria de Salomão”, em 1.4-7 e 6.12-11.1. Ela estava presente quando Deus fez o mundo (9.9) e foi a artífice e artesã de toda a criação (7.22; 8.6; 14.2).

Através de Sua Palavra e Sabedoria, Deus criou a humanidade para terem domínio sobre todo o mundo (9.1). Sua “Palavra” e Sua “Sabedoria” são sinônimos intercambiáveis (o que é uma alusão a Gn. 1.26-28, o que é mais uma indicação que a Sabedoria é frequentemente vinculada a Gn.1). A Sabedoria habita com Deus nos “santos céus”, no trono da glória [de Deus] (9.10; 8.3; 9.4; 18.15; BEETHAM p. 121).

Para descrever a extensão da natureza e da atividade da sabedoria, o autor usa o termo *πάς* (tudo). Ela é “todo-poderosa” (*παντοδύναμον*), e “vê todas as coisas” (*πανεπίσκοπον* 7.23). Ela penetra todas as coisas (*πάντων*; 7.24), é capaz de “fazer todas as coisas” (*πάντα*; 7.27) e conhece e entende “todas as coisas” (*πάντα*; 9.11). A Sabedoria renova “todas as coisas” (*τὰ πάντα*; 7.27) e é a causa ativa de “todas as coisas” (*τὰ πάντα*;

8.5) (Ibid.). Deus é a causa suprema da criação, mas é através da Sua Palavra/Sabedoria que Ele cria “todas as coisas” (*τὰ πάντα*; 9.1).

É digno de nota que nossa passagem em questão (Cl. 1.15-20), Paulo emprega *πᾶς* oito vezes em cinco versículos para descrever a natureza e a atividade de Cristo (Ibid.).

Em Sab. 7. 25 - 26, a Sabedoria é chamada de “imagem” da bondade de Deus. Traduzo o texto da seguinte maneira:

“Pois ela é o fôlego do poder de Deus, e a pura emanção da Glória do Todo-Poderoso; Portanto, nada contaminado entra nela. Pois ela é o reflexo da luz eterna, um espelho imaculado da obra de Deus, e a imagem [*εἰκόν*] de sua bondade” (TA).

Filo de Alexandria é quem labutou mais com o tema da Palavra/Sabedoria. Como um judeu helenista, ele era um filósofo contemporâneo a Jesus e a Paulo. A Palavra era um conceito central para Filo (JERVELL, p. 53). A Palavra era a razão de Deus, Sua própria atividade mental, que foi usada no ato criacional (BEETHAM, p. 122.). Para Filo, a Palavra e a Sabedoria eram conceitos relacionados, ainda que não totalmente intercambiáveis (Ibid.). Podemos notar a relação da Palavra com a Sabedoria quando Filo as vincula com títulos raros como “princípio” e “imagem” (p. ex. Alleg. Interp. 3.96; Confusion 146–47; e Alleg. Interp. 1.43). Podemos observar essa relação também em seu comentário alegórico sobre Gn. 2.10:

“Mas nós também devemos olhar para as palavras: “e um rio”, onde se diz que fontes saem do Éden para molhar o jardim. “O Rio” é uma virtude genérica, a bondade; Essa fonte jorrava do Éden, Sabedoria de Deus, que é a Palavra de Deus [*ἐξ Ἐδέμ, τῆς τοῦ θεοῦ σοφίας· ἡ δὲ ἐστὶν ὁ θεοῦ λόγος*]; De acordo com a Palavra de Deus a virtude genérica foi criada (Alleg. Interp. 1.65 (TA)).”

As similaridades são impressionantes. Drummond estudou extensivamente a relação da Sabedoria com a Palavra em Filo e chegou as seguintes conclusões (2:201-213): ambas são descritas como o poder Divino mais excelente, ambas são identificadas como a rocha miraculosa, a fonte e o maná da narrativa do deserto em Êxodo. Ambas são entendidas como preexistentes e como agentes no processo da criação. Em ambas são aplicadas títulos como “o princípio”, “a imagem”, “a visão de Deus”. Ambas servem como arquétipos da Sabedoria e da Virtude terrenas. Em suma, existe uma identificação suprema entre o Logos e a Sabedoria nos escritos de Fílo (citado em *ibid.* p. 211).

À luz das evidências acima, a inter-relação dos conceitos “palavra” e “sabedoria” no judaísmo antigo, alguns estudiosos denominam esse fenômeno de “complexo

Palavra-Sabedoria” (BEETHAM, p.125). Esses dois conceitos não se separam drasticamente no pensamento judaico, antes, suas identidades e atividades frequentemente se fundem.

Como vimos anteriormente, para Filo a Palavra é a “imagem” de Deus (cf. Cl 1.15). Em *Alleg. Interp.* 3.96 ele usa Gn. 1.26-27 para fazer a conexão entre a Palavra e a imagem, dizendo que ela (a Palavra/imagem) foi o padrão para a criação do homem (cf. *ibid.*).

Em outra obra, Filo identifica a “palavra” como sendo o “primogênito de Deus”, o “princípio”, a “imagem invisível” de Deus e a “imagem primogênita” de Deus (*Confusions*, 146-47 (Colson, Whitaker e Marcus, LCL). Cf. *Alleg. Interp.* 1.43.).

Os títulos “princípio” e “imagem” provêm ambos tanto de Gn. 1 como de Pv. 8.22..

De acordo com Filo, a Palavra/Sabedoria é o agente “através de que o universo veio à existência (*Flight* 109)⁵²”. Ela é “antecedente a todas as coisas que vieram a existência”, o “leme” pelo qual Deus “guia todas as coisas em seu curso”, e o “instrumento” que Deus empregou “quando Ele estava fazendo o mundo” (*Migration* 6. Cf. *Virtues* 62; *Dreams* 1.241. Cf. Cl. 1.16-17).

Ao mesmo tempo, a Palavra é a mediadora e a pacificadora entre Deus e a humanidade (BEETHAM, p.127). Ela serve como a “mensageira da paz para a criação de Deus, cuja vontade é trazer um fim as guerras, e ela é até mesmo a guardiã da paz” (*Heir*, 205-206). De fato, “o Logos Divino... tornou-se o mediador e o árbitro entre os dois lados (i.e., Deus e a humanidade), que pareciam estarem divididos um do outro, trazendo amizade e acordo, porque sempre foi a causa da comunhão e o artesão da paz” (QE 2.68 (COLSON, WHITAKER, e MARCUS, LCL). Cf. Cl. 1.20).

Além do mais, para Filo, a Palavra é aquela que “contém toda a plenitude (de Deus)” (FÍLO, *Dreams*, 175; cf. Cl 1.19), e quem, “como cola e ligação”, dá coerência a tudo, “enchendo todas as coisas com seu ser”, e em si mesma não precisa de nada (*Heir* 187-88). Ela é a “ligação de toda existência” e “mantém unidas todas as partes, evitando que elas sejam dissolvidas e separadas” (FÍLO, *Flight*, 112; cf. Cl. 1.17b). A Palavra também é “o templo (ou casa) de Deus” (FÍLO, *Migration*, 4-6; cf. Cl 1.19). Além de muitas outras coisas, a Palavra também é o instrumento pelo qual Deus “guia o homem perfeito, das coisas terrenas para Si mesmo” (FÍLO, *Sacrifices*, 8; cf. Cl 3.1-4).

⁵² Ver também *Spec. Laws* 1.81; *Heir* 199; *Migration* 6; *Sacrifices* 8; *Alleg. Interp.* 3.96; *Drunkness* 30–31 (Colson, Whitaker e Marcus, LCL)

A Sabedoria personificada também aparece em 1Enoque 42.1-2. Essa passagem se encontra no “Livro das Similitudes” (caps. 37-71) e descreve a sabedoria como buscando um lugar para habitar entre a humanidade, e não encontrando um lar, retorna para o céu a fim de ficar permanentemente entre os anjos (cf. Sir 24.8-12; Bar 3.37; 4 Ezra 5.9-10).

A obra intitulada 2Enoque relata em 30.8 que “no sexto dia, Eu (Deus) ordenei a minha sabedoria que criasse o homem”. Esse texto é mais uma evidência que no pensamento judaico a Sabedoria desempenha sua função na criação e que Gn. 1 e Pv. 8 eram frequentemente conectados no judaísmo antigo⁵³.

Consistentemente ao longo da literatura Rabínica, a Sabedoria personificada de Pv. 8.22-31 é identificada com a Torá, começando com *m. Avot* 6.10 (aprox. 200 DC). A ênfase principal dessa passagem é que a Torá é uma das poucas coisas que antecede a criação⁵⁴. Em outras obras, os rabinos usavam as palavras “cabeça” e “princípio”, encontradas em Pv. 8.22, para dizer que a Torá (= Sabedoria) é a “cabeça” dos caminhos de Deus (Midr. Rabbah Song of Songs 5.11, §1; Midr. Rabbah Leviticus 19.1).

Em suma, a Sabedoria/Palavra é consistentemente descrita como existindo antes da criação. Ela também desempenha um papel instrumental no processo de criação. O escopo de sua atividade é entendido nos termos mais amplos (“tudo”, “todas as coisas”). Recebeu vários títulos, especialmente “imagem”, “primogênita”, “princípio”, e ocasionalmente “cabeça”. A sabedoria era frequentemente identificada com a Torá no judaísmo antigo, o que se tornou uma interpretação fixa nos escritos rabínicos posteriores (BEETHAM, p. 130).

⁵³ Esse desenvolvimento da Sabedoria personificada continua posteriormente no judaísmo. Nas “Orações Sinagogais Helenísticas” (sécs. 2-3 DC), a sabedoria é agente da criação, especialmente do homem (3.16-19, 12.36) e é “mediadora” (4.38). O Targum Neofiti de Gn. 1.1 é mais uma evidência da conexão entre Gn. 1 e Pv. 8.

⁵⁴ Ver b. Avot 6:10; b. Pesahim 54a, 87b; b. Nedarim 39b; Midr. Psalm 5:2, 90.12, 93.3; Pirqe Rabbi Eliezer, p. 10; Mekilta, Shirata 9.123; Kallah Rabbati 8:10; Avot of Rabbi Nathan 31:3; Midr. Rabbah Genesis 1.1, 4, 8, 8.2, 85.9; Midr. Rabbah Exodus 30.9; Midr. Rabbah Leviticus 11.3, 19.1; Midr. Proverbs ch. 8; Midr. Rabbah Song of Songs 5.11, §1; Pesiqta Rabbati, Piska 53.2; Tanhuma Genesis 1:1ff., Part V; Sifre Deuteronomy, Piska 37; Tanna Debe Eliyyahu, ER 71, 112, 160, EZ 171, S 20.

3. O contexto do Novo Testamento: O uso do desenvolvimento interpretativo de Provérbios 8.22-31 em Colossenses 1.15-20

Não está no escopo desse artigo prover uma exegese detalhada de Cl. 1.15-20. Nosso objetivo é identificar e especificar a alusão a Pv. 8.22-31 em Cl. 1.15-20 através do seu desenvolvimento interpretativo no judaísmo do primeiro século e como esse pano de fundo pode lançar uma nova luz sobre algumas expressões de Paulo nessa passagem. Veremos que o peso cumulativo das evidências valida essa proposta de eco.

Para nossos propósitos, não se faz necessário abordarmos as questões redacionais desse antigo hino (poema). Em relação à estrutura da perícopes, seguimos de perto N. T. Wright (1991, pp. 101-104), onde temos: 1. Cristo como preeminente na criação (1.15-17) e 2. Cristo preeminente na criação renovada (1.18-20).

Em Cl. 1.15, Cristo é descrito como “a imagem do Deus invisível” e o “primogênito de toda a criação” (cf. 2Co 4.4; Rm. 8.29). Alguém pode diretamente recorrer a Gn. 1.26-27 como a alusão (a criação do primeiro casal segundo a imagem de Deus), mas de forma final, a alusão não vem diretamente de Gn. 1. A alusão vem primeiramente do Divino Logos/Sabedoria usual no judaísmo helenístico dos dias de Paulo. Tendo isso em mente, podemos nos mover para um eco secundário de Gn. 1.26-27 em Cl. 1.15, ou pelo menos, entender como um eco em conjunto, como duas vozes que naturalmente se encontram no ar (e nos ouvidos do apóstolo).

Esse é o caso à luz do modo como o judaísmo antigo conecta Gn. 1 e Pv. 8. Esse não é um caso “e/e, ou/ou” ainda que a ênfase primária recaia sobre a alusão a Sabedoria/Palavra. Portanto, não temos num primeiro momento, uma Cristologia adâmica paulina, pois Paulo descreve Cristo como agente da criação, o que nunca ocorre nas descrições de Adão (mas ocorre amplamente em relação à sabedoria). Isso nos ajuda a entender o porquê Paulo relacionou o fato de Jesus ser a “imagem do Deus invisível” (bem como o primogênito sobre toda a criação) com sua função divina como Criador de todas as coisas (o verso 16 inicia com uma relação causal entre essas duas sentenças).

O adjetivo (epexegetico) “primogênito” pode ter dois significados: prioridade temporal ou soberania de posição (LADD, 2003, p. 578). Pelo contexto, Paulo tem a segunda opção em mente. O termo também faz parte da alusão magistral a Pv. 8. 22-31 em seu desenvolvimento interpretativo judaico (BEETHAM, p. 134).

Paulo continua e aplica a Cristo os termos “cabeça”, “princípio” e “primogênito”, e como vimos anteriormente, todos esses títulos são aplicados a Sabedoria no judaísmo. Cristo é o início (iniciador), não somente da criação de Deus, mas também da nova criação, como o primeiro a experimentar a ressurreição escatológica dentre os mortos (primogênito da criação)⁵⁵.

Cristo é “antes de todas as coisas” (*πρὸ πάντων*). Vimos que em Provérbios 8.22-31 (LXX) usa-se *πρό* 6 vezes para enfatizar a existência temporal da Sabedoria antes de todas as coisas. Aqui Paulo condensa em uma só sentença (DUNN, 1980, p. 191), aplicando a Cristo.

Como vimos anteriormente, o autor de “Sabedoria de Salomão” emprega *πᾶς* (tudo) para descrever a natureza e a extensão da atividade da sabedoria. É digno de nota que Paulo usa a palavra *πᾶς* oito vezes nesse hino para descrever a natureza e a extensão da atividade de Cristo (BEETHAM, p. 135).

Nesse ponto é importante resumirmos os paralelos entre Cl. 1.15-20 e o desenvolvimento interpretativo de Pv 8.22-31 (ibid.):

| Desenvolvimento do 1º séc. da figura da Sabedoria de Pv. 8.22-31 | Colossenses 1.15-20 |
|--|--|
| <p>Sabedoria/Palavra é a imagem de Deus.</p> <p>Wis 7:25–26; Filo, Alleg. Interp. 1.43, 2.4, 3.96; Confusion 97, 146–47; Creation 25, 31, 146; Planting 19–20; Flight 12–13, 101; Names 223; Dreams 1.239, 2.45; Moses 1.66; Spec. Laws 1.81, 1.171, 3.83, 3.207; Heir 231; QG 2.62.</p> | <p>Cristo é a imagem de Deus (v.15a)</p> |
| <p>Sabedoria/Palavra é a “primogênita” (de toda a criação).</p> <p>Filo, Confusion 146–47; Dreams 1.215; Agriculture 51; Heir 117–19; cf. Pv. 8:25.</p> | <p>Cristo é o primogênito de toda a criação (v.15b).</p> |

⁵⁵ Burney, “Christ as the APXH,” 174, argumenta que Paulo, ao usar o termo princípio, está dando um midrash rabínico de *בְּרֵאשִׁית*, (o princípio de Gn. 1.1). Entretanto a exegese de Burney me parece forçada, uma vez que essa passagem de Colossenses é melhor entendida à luz da tradição sapiencial judaica, que frequentemente une Pv. 8 a Gn. 1.

Sabedoria/Palavra é o princípio da criação

Filo, Confusion 146–47; Alleg. Interp. 1.43. Cf. Pv. 8:22.

Sabedoria/Palavra é preexistente a criação.

Pv. 8:23–25 lxx (*πρό* [6x]); Sir 24:9; Wis 9:9; Aristob. 5.10–11a; Filo, Migration 6; cf. Jo. 1:1–3.

Sabedoria/Palavra é agente da criação.

Pv. 8:22 lxx (*εἰς ἔργα αὐτοῦ*); Wis 7:22, 8:6, 9:1; Filo, Flight 12, 109; Spec. Laws 1.81; Unchangeable 57; Heir 199; Migration 6; Worse 54, 115–16; Sacrifices 8; Alleg. Interp. 1.65, 3.96; Drunkenness 30–31; Virtues 62; Dreams 1.241, 2.45; 2 En. 30:8; cf. Alleg. Interp. 2.49; Heir 53; Jo. 1:1–3.

Sabedoria/Palavra sustenta a criação.

Filo, Flight 112; Heir 187–88; cf. Wis 1:6–7 (“Sabedoria” e “Espírito do Senhor” são intercambiáveis nesse último texto).

Sabedoria é a “cabeça”.

Ο *κεφάλαιον* de Áquila em Pv. 8:22 (140 d.C); Ver Midr. Rabbah Song of Songs 5.11, §1; Midr. Rabbah Leviticus 19.1 (a evidência é posterior ao primeiro século, mas sua tradição remonta aos tempos de Paulo).

Cristo é o princípio da criação renovada (v.18b).

Cristo é preexistente a criação (v.17a).

αὐτός ἐστιν πρὸ πάντων

Cristo é agente da criação (v.16f).

τὰ πάντα δι’ αὐτοῦ ... ἔκτισται

Cristo sustenta a criação (v.17b)

τὰ πάντα ἐν αὐτῷ συνέστηκεν

Cristo é o cabeça da igreja, que é seu corpo (v.18a).

| | |
|--|--|
| <p>O emprego volumoso de $\pi\acute{\alpha}\varsigma$ (tudo) para descrever a natureza e a extensão da atividade da Sabedoria.</p> <p>Wis 7:22, 23, 24, 27, 8:1, 5, 9:1; Filo, Flight 112.</p> <p>A expressão “contém toda a plenitude (de Deus)”. Filo, Dreams 1.75. A Sabedoria/Palavra é a casa (templo) de Deus. Filo, Migration 4–6; cf. Alleg. Interp. 3.46</p> <p>Sabedoria é a agente de reconciliação e paz entre Deus e a humanidade.</p> <p>Filo, Heir 205–6; QE 2.68.</p> | <p>O emprego volumoso de $\pi\acute{\alpha}\varsigma$ (tudo) para descrever a natureza e a extensão da atividade de Cristo.</p> <p>Cl. 1:15, 16a, 16f, 17a, 17b, 18d, 19, 20.</p> <p>Em Cristo agradou a Deus que habitasse toda a plenitude 1.19 ecoando Sl. 67.17 (LXX), a referência é a presença de Deus no templo de Sião. O paralelo com Fílo é o forte tom templário de Cl. 1.19.</p> <p>Cristo é o agente de reconciliação e paz entre Deus e a humanidade (v.20)</p> |
|--|--|

Esses dez paralelos são impressionantes. Eckhard J. Schnabel, em seu magistral estudo sobre a lei e a sabedoria de Ben Sira ao apóstolo Paulo conclui (1985, p. 258):

“Para resumir, o autor do hino atribui funções sapienciais de mediação criacional e salvífica a Jesus Cristo retratando o preexistente, encarnado e exaltado Cristo à luz da Divina Sabedoria do judaísmo”.

Portanto, em seu excelente livro sobre a Cristologia Paulina, Gordon Fee erra ao dizer que a linguagem da tradição sapiencial está ausente de Cl. 1.15-20 (2007, p. 601).

Entretanto, em sua descrição de Cristo com a linguagem sapiencial, Paulo leva sua argumentação a um passo muito além do que o judaísmo sequer pensou em fazer com a Sabedoria. Em 1.16, Paulo acrescenta que a criação não foi somente criada através de Cristo, mas também “para ele” ($\epsilon\iota\varsigma\ \alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu$; O’BRIEN, 1982, p. 47; Cf. DUNN, 1996, p. 92). Ou seja, Cristo é o agente da criação, mas também é o alvo e o propósito dela. No NT, essa linguagem é usada somente em referência a Deus (cf. Rm. 11.36; 1 Co. 8.6; Hb. 2.10).

A Sabedoria era identificada com a Torá nos dias de Paulo, e foi significativo ele ter inserido esse poema nessa carta, cuja igreja estava sendo enganada por uma heresia

com características fortemente judaicas, como por exemplo: 1. Observação dos dias santos judaicos, como os festivais, os sábados e as celebrações da lua nova (2.16b); 2. Observar leis dietéticas judaicas (2.16a) e; 3. Circuncisão (2.11, 13, 3.11; Cf. BEETHAM, p. 37). À luz disso, podemos entender que Paulo foi preciso e intencional contra essa heresia, identificando Cristo, não a Torá, como a Sabedoria Divina e, portanto, a revelação plena e suficiente de Deus (ao qual todo o AT apontava).

4. Provérbios 8.22-31 e sua exegese no restante do NT e nos pais da igreja

As passagens que possivelmente foram influenciadas por Pv. 8 e pela tradição sapiencial judaica no NT incluem Jo. 1.1-3 e Hb. 1.2b-3 (talvez também 1Co. 8.6, 10.4; Ap. 3.14?)⁵⁶.

Os antigos Pais da igreja citavam Pv. 8.22-31 e entendiam que esse texto é uma descrição de Cristo⁵⁷. Alguns citavam Cl. 1.15-20 bem próximo a uma citação de Pv. 8.22-31 com o mesmo propósito⁵⁸. Metodius⁵⁹ combina Gn. 1.1, Pv. 8.22 e Jo. 1.1-2 para mostrar que “princípio” é um título para Cristo, e Teófilo de Antioquia (após 180 d.C.) faz o mesmo exceto pela referência explícita a João⁶⁰. Cipriano (258 d.C.) cita Pv. 8.22-31 em sua totalidade e o combina com Sir 24.3-7, Sl. 89.27-33, Jo. 17.3-5, Cl. 1.15, 18 e 1Co 1.22-24 para defender que Cristo é a Sabedoria primogênita de Deus⁶¹.

A interpretação de Cl. 1.15 e Pv. 8.22 se intensificou na época de Ário (335/6 d.C.) que defendia que Cristo era um ser criado, e que “houve um tempo em que Jesus não

⁵⁶ Para uma investigação do motif Sabedoria em Paulo ver: Feuillet, *Le Christ Sage de Dieu d'après les Épitres Pauliniennes*. Para uma discussão da possível influência em Ap. 3.14 ver Beale, 1999, 297-301.

⁵⁷ Justin Martyr (aprox. 165 dC.), *Dialogue with Trypho* 61 (ANF 1:227-28), 129 (ANF 1:264); cf. 126 (ANF 1:262); Athenagoras (177 dC.), *A Plea for the Christians* 10 (ANF2:133); Clement of Alexandria (antes de 215 dC), *Miscellanies* 7.2 (ANF 2:525); Dionysius of Alexandria (264/5 dC.), *Extant Fragments* 4.3 (ANF 6:92); Lactantius (330 dC), *The Divine Institutes* 4.6 (ANF 7:105; os nomes estão em inglês).

⁵⁸ Irenaeus (202 dC), *Against Heresies* 4.20.2-3 (ANF 1:488; Aqui Irineu argumenta que Cristo é a Palavra e o Espírito é a Sabedoria); Alexandre de Alexandria (328 dC), *Epistles on the Arian Heresy* 1.6-7 (ANF 6:293); Dionísio de Roma (259-69 dC.), *Against the Sabellians* 2 (ANF 7:365); Orígenes (253/4 c.e.), *First Principles* 1.2.1 (ANF 4:245-46; Também 1 Cor 1:24). In *First Principles* 1.2.5 (ANF 4:247), Orígenes combina Cl 1:15, Hb 1:3, e Wis 7:25; Ver seu argumento completo em *First Principles* .2.1-13 (ANF 4:245-51).

⁵⁹ Ver também Tertuliano (após 220 dC.), *Against Hermogenes* 20 (ANF 3:488-89).

⁶⁰ *To Autolytus* 2.10 (ANF 2:97-98).

⁶¹ *The Treatises of Cyprian* (“*To Quirinius*”) 12.2.1 (ANF 5:515-16).

era” (KELLY, 1960, PP. 234-242). Suas heresias foram condenadas no Concílio de Nicéia (325 d.C.).

5. Sábias ilocuções: a heresia Colossense e a Cristologia sapiencial

Talvez o melhor estudo sobre a heresia Colossense tenha sido feito pelo Dr. Ian K. Smith (2006). As propostas para candidatas à heresia são variadas. Smith (p. 19) afirma que J. J. Gunther, em 1973, havia listado quarenta e quatro propostas para esse falso ensino e desde então, outras hipóteses foram levantadas.

Não é o propósito desse artigo fazer uma análise da heresia Colossense, por isso podemos apenas resumir a proposta desenvolvida por Smith (que segue de perto F. F. Bruce). A heresia Colossense consistia em um sincretismo entre a fé cristã e uma espécie de judaísmo místico do primeiro século, também chama de “misticismo merkavá”. Essa variação do judaísmo se baseava nas teofanias do AT que apresentavam Deus em uma carruagem (Hb. Merkavah), especialmente Ezequiel 1.

O misticismo merkavá, como movimento judaico-helenístico, centralizava-se na ideia que os seres humanos precisam ascender aos céus para testemunhar a atividade angelical (SMITH, p. 39). A ascensão visionária da alma acontece mediante rigoroso ascetismo contra o corpo da pessoa (como observação intensa de jejuns e ritos religiosos). O alvo desse arrebatamento espiritual é contemplar a adoração que os anjos prestam a Deus. Nessa contemplação, os adoradores alcançavam a verdadeira sabedoria.

Claramente, a amálgama desse misticismo judaico com a fé cristã diminuía a suficiência e a supremacia de Cristo. A insistência de Paulo em uma tipologia sapiencial que se cumpre em Jesus era para servir de antídoto contra esse falso ensino. Todos os cristãos devem estar cheios da sabedoria e do conhecimento da vontade de Deus (Cl. 1.9), e essa sabedoria é dada pelo Espírito de Cristo (o termo “espiritual” que qualifica a sabedoria em 1.9 significa “dada pelo Espírito” e sua ligação com Cristo se dá pelo eco de Isaías 11 nesse versículo). A sabedoria permeia o ensino de Paulo a “todos os homens” (Cl. 1.28) e não apenas a um seletivo grupo de abnegados que tiveram experiências místicas. O mistério de Deus não está oculto na adoração angelical, mas já fora revelado e esse mistério é Cristo (1.27), em quem “estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl. 2.2, ecoando Provérbios 2.2-6).

Todos os elementos desse movimento judaico-místico listado acima são encontrados no capítulo dois de Colossenses, que termina mostrando a inutilidade desse tipo de religiosidade em face das lutas contra o pecado (Cl. 2. 23). Os cristãos não precisam subir aos céus para obter sabedoria, pois a própria Sabedoria divina desceu para nos redimir e tornar acessível a vontade e salvação de Deus a todos que exercem fé “nela” (i.e., em Cristo). A importância dada aos anjos desaparece quando sabemos que eles foram criados em, por e para Cristo.

Conclusão: Reflexões hermenêuticas

Ao aludir a Pv. 8.22-31 Paulo conecta a Sabedoria personificada com Jesus, o Messias crucificado e ressurreto, uma pessoa histórica (BEETHAM, p. 139). Isso contrasta fortemente com o judaísmo da época que identificava essa Sabedoria com a Torá.

Ao fazer essa conexão, Paulo não vê como um cumprimento direto de uma profecia, pois Pv. 8 não é uma profecia. Raymond Van Leeuwen entende que “Cristo é a realidade escondida por trás, fundamentando e cumprindo a cósmica e pessoal imagem da Sabedoria em Pv. 8, sem posicionar uma direta correspondência “um-a-um” em todos os particulares” (LEEUVEN, 1997, p. 99).

O comentário de Van Leeuwen talvez seja mais conhecido como “*sensus plenior*” (senso pleno), um termo hermenêutico usado para descrever um fenômeno no qual um texto ganha um significado mais completo à luz de uma revelação posterior (BROWN, p. 92). Aqueles que estudam esse fenômeno ensinam que a chave de controle precisa ser o significado original do texto dentro do seu contexto, formando o fundamento e a essência do senso pleno posterior, que nunca deve ignorar ou contradizer o anterior (cf. MOO, 1995, p. 201; BEALE, 1989, p. 90).

Contudo, o uso de Pv. 8.22-31 em seu desenvolvimento interpretativo judaico em Cl. 1.15-20 é mais bem entendido em termos de tipologia. Paulo estrategicamente faz declarações ousadas a respeito de Jesus Cristo usando imagens da discussão da enigmática Sabedoria/Palavra de sua época (BEETHAM, 140.). Ao fazer isso, Paulo retrata Cristo como a corporificação da Sabedoria e da revelação de Deus e o mediador entre Deus e a humanidade por excelência (ibid.). Paulo não diz explicitamente que Cristo é a Sabedoria, nem iguala os dois, antes demonstra que toda aquela linguagem familiar sobre a sabedoria, entretanto sendo apenas uma sombra, encontra sua expressão suprema e concreta na realidade de Jesus Cristo (cf. Ibid.). O antítipo (Cristo) vai muito além do que tudo o que fora dito acerca do tipo

(que era meramente uma personificação literária). Em nenhum escrito foi dito que a criação fora criada para a Sabedoria, mas Paulo declara que isso é verdade em relação a Cristo (Ibid. p. 141).

Não é necessário que o tipo e seu antítipo tenham uma correspondência absoluta em todos os pontos. A correspondência acontece no nível fundamental da estrutura (BAKER, 1994, p. 327). O retrato de Cristo e da sabedoria como sendo ambos preexistentes a criação, agentes do processo criacional, sustentadores da criação e mediadores entre Deus e a humanidade como veículos da sábia revelação de Deus, era para ser reconhecido pela igreja de Colossos, mesmo que Paulo tenha dado alguns passos a frente em sua descrição (BEETHAM, ibid.).

Para concluir, reitero que é possível que a filosofia heterodoxa de Colossos ensinasse que a Torá era a suficiente revelação de Deus e que os cristãos precisavam seguir seus preceitos a risca para agradarem a Deus. Com esse hino, Paulo queria fortalecer a confiança dos Colossenses na suficiência de Cristo como fonte de sabedoria para se viver de uma maneira que agrade a Deus (Cl. 1.9-12). Os Colossenses não precisavam de ninguém além de Cristo, pois Ele tem supremacia tanto na antiga criação (como Criador e sustentador), como na nova criação pela sua ressurreição dos mortos.

Bibliografia

BAKER, David L., “*Typology and the Christian Use of the Old Testament*,” in: *The Right Doctrine from the Wrong Texts?: Essays on the Use of the Old Testament in the New*. Ed. G. K. Beale; Grand Rapids: Baker, 1994, p. 327.

BEALE, G. K. *The Book of Revelation*. NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

_____ *The Epistles to the Colossians and to Philemon*. NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

_____ “*Did Jesus and his Followers Preach the Right Doctrine from the Wrong Texts? An Examination of the Presuppositions of Jesus’ and the Apostle’s Exegetical Method*,” *Them* 14 (April, 1989), 90–91.

BEVERE, Allan R. *Let no one disqualify you: a study of the paraenesis of colossians and its place within the argument of the letter*. Durham theses, Durham University. 1998. Disponível em Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/5044/>.

BROWN, Raymond, *The "Sensus Plenior" of Sacred Scripture*. Baltimore: St. Mary's University, 1955.

COLSON, F. H., G. H. Whitaker, and MARCUS, Ralph. *Philo*. 10 volumes and 2 supplements. LCL. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1929–1953.

DRUMMOND, James. *Philo Judaeus; or, The Jewish-Alexandrian Philosophy in its Development and Completion*. 2 vols. London: Williams and Norgate, 1888.

DUNN, James D. G. *Christology in the Making: An Inquiry into the Origins of the Doctrine of the Incarnation*, SCM 1980.

FEE, Gordon. *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study*. Hendrickson Publishers, 2007.

FOX, Michael V. *Proverbs 1–9. AB 18A*; New York: Doubleday, 2000.

JERVELL, Jacob. *Imago Dei: Gen 1, 26f. im Spätjudentum, in der Gnosis und in den paulinischen Briefen*. FRLANT 76; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1960.

KELLY, J. N. D. *Early Christian Creeds*. 2nd ed.; London: Longman's, 1960.

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LEEUWEN, Raymond Van. "The Book of Proverbs: Introduction, Commentary, and Reflections," NIB 5; Nashville: Abingdon, 1997.

MCKANE, William. *Proverbs*. OTL; Philadelphia: Westminster, 1970.

MOO, Douglas J. "The Problem of Sensus Plenior," in: *Hermeneutics, Authority, and Canon*. Eds. D. A. Carson and John D. Woodbridge; Grand Rapids: Baker, 1995.

MURPHY, Roland E. *Proverbs*. WBC 22; Nashville: Thomas Nelson. 1998.

NICKELSBURG, George W. E. *Literatura judaica entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*. Trad. Elisabeth Soares e Paulo Nogueira. São Paulo: Paulus, 2011 (Coleção Academia bíblica).

O'BRIEN, Peter T. *Colossians, Philemon*. WBC 44. Waco, Tex.: Word, 1982.

ROBERTS, Alexander, and DONALDSON, James. Eds. *Ante-Nicene Fathers*. 10 vols. 1885 1887. Reprint, Peabody, Mass.: Hendrickson, 1994.

SCHAFF, Philip, and WACE, Henry. Eds. *Nicene and Post-Nicene Fathers: Second Series*. 1890–1900. 14 vols. Reprint, Peabody, Mass.: Hendrickson, 1994.

SCHAFF, Philip. Ed. *Nicene and Post-Nicene Fathers: First Series*. 1886–1889. 14 vols. Reprint, Peabody, Mass.: Hendrickson, 1994.

SCHNABEL, Eckhard J. *Law and Wisdom from Ben Sira to Paul: A Tradition Historical Inquiry into the Relation of Law, Wisdom, and Ethics*. WUNT 2/16. Tübingen: J. C. B. Mohr [Paul Siebeck], 1985.

SMITH, Ian K. *Heavenly perspective: A study of the Apostle Paul's response to a Jewish mystical movement at Colossae*. Library of New Testament Studies 326. London: T&T Clark, 2006.

VAWTER, Bruce. "Prov 8:22: *Wisdom and Creation*", JBL 9 (1980) 205–16.

WALTKE, Bruce K. *Proverbs: Chapters 1–15* 2 vols.; NICOT; Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

WALTKE, Bruce. *Comentários do Antigo Testamento - Provérbios*. Vol 1. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

WRIGHT, N.T. *The Climax of the Covenant: Christ and the Law in Pauline Theology*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1991.

YEE, Gale A., "An *Analysis of Prov 8 22–31 According to Style and Structure*," ZAW 94 (1982): pp. 58-66.